Aula 3

A VISÃO PLATÔNICA SOBRE A LITERATURA

META

Apresentar as ideias de Platão, particularmente em A República, a respeito da literatura.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Examinar o livro A República de Platão, destacando suas afirmações sobre o poeta e a poesia;
- Compreender que nas ideias de Platão sobre a literatura encontra-se um interesse político-filosófico e não, literário;
- Identificar a influência do pensamento de Platão em correntes do pensamento crítico dos séculos XIX e XX.

PRÉ-REQUISITOS

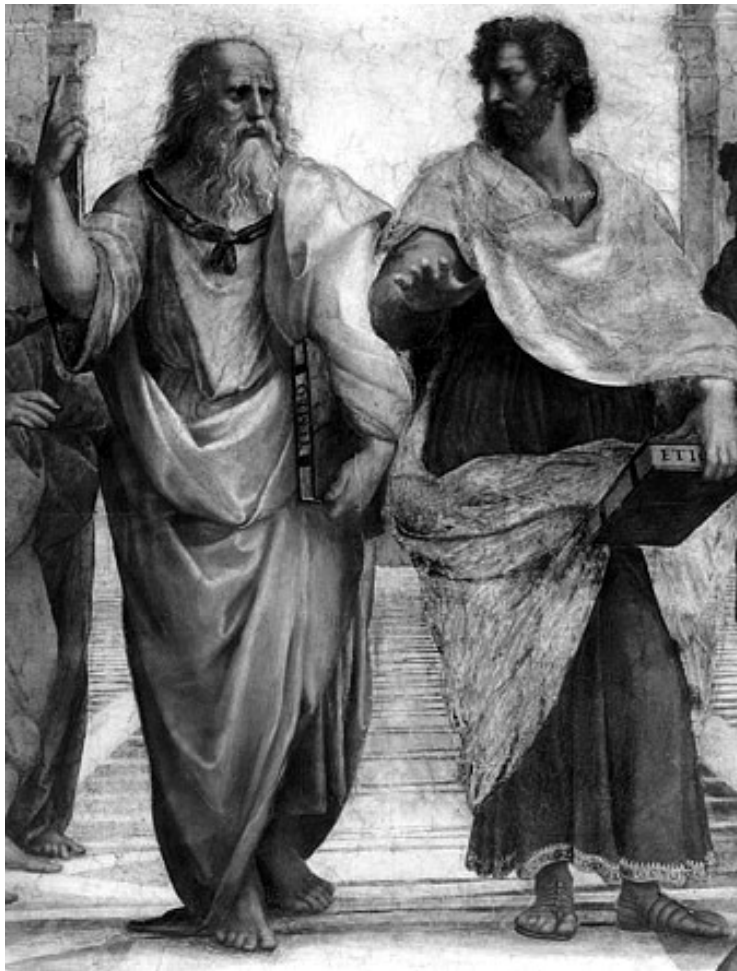
Estudos literários das aulas anteriores.

Antonio Cardoso Filho

INTRODUÇÃO

Vamos agora dar um salto longo para trás na história da filosofia. Da filosofia? Sim, da filosofia. Não se surpre-enda. A questão é que embora estejamos no campo literário, quando queremos remontar às origens do pensamento teórico sobre a literatura vamos chegar aos filósofos Platão e Aristóteles. Mas, nesta aula, ficaremos com o primeiro. Você acha que por ter vivido há tanto tempo Platão está ultrapassado ou pelo menos desatualizado? Nem pense nisso. Apesar de os estudos terem realmente avançado na área da teoria da literatura, Platão ainda encontra lugar nos estudos teóricos, não para ajudar na compreensão do ser da obra literária enquanto uma expressão de linguagem com valor estético próprio, mas para mostrar, dentro do panorama da literatura, o lugar de artefato social em que foi colocada sem outra serventia que lhe desse reconhecimento de válida por si mesma.

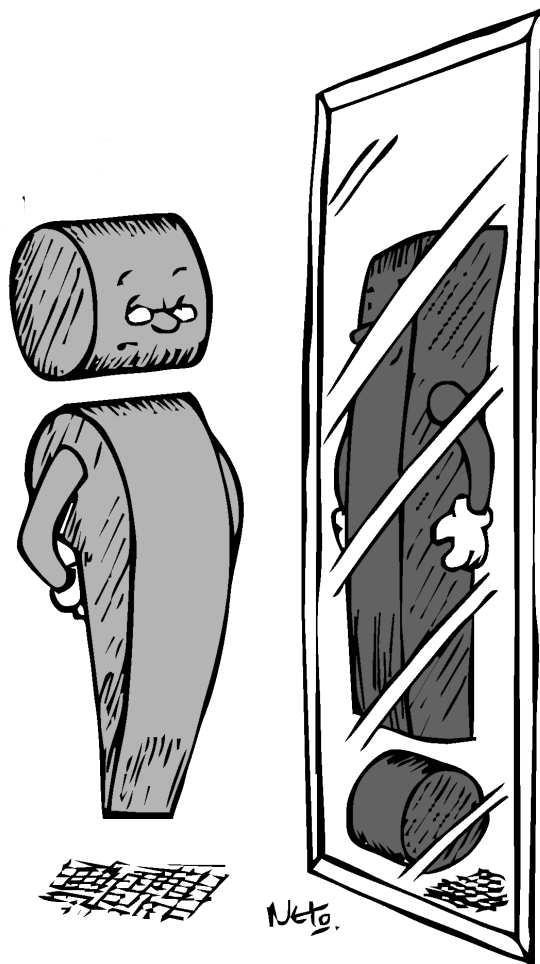
Com esse esclarecimento inicial, comecemos nosso assunto.

Platão e Aristóteles (Fonte: http://mozart.wunderblogs.com).

VISÃO PLATÔNICA

Pelo que se tem documentado, Platão foi o primeiro pensador a tecer considerações sobre a literatura. Mas, como era filósofo e não, literato, a sua preocupação se voltava para o campo da filosofia e seu objetivo era alcançar a verdade das coisas. Daí os comentários dele sobre a literatura, que nessa época não recebia esse nome mas o nome de poesia, se organizava em torno de um interesse não literário. Na verdade, ele nunca criou uma teoria sistemática da literatura. Nos muitos dos seus Diálogos encontramos afirmações a respeito da arte e da poesia que servem de reflexão, ainda que para serem refutadas, até hoje. Para Platão, a verdade devia ser o destino para onde convergiam todos os interesses do homem. Mas aí ele se defrontava com um problema não pequeno diante da literatura que, não sendo filosofia, não estava interessada na verdade nem na metafísica nem no sentido transcendental das coisas.

Ora, para Platão, a verdade estava fora do mundo aparente. A verdade estava nas ideias e tudo o que aparecia aos sentidos, ou seja, todo o mundo do fenômeno era um mundo de aparência e, se era aparente, não era verdadeiro. Se não era verdadeiro, era falso. Aqui temos um problema sério. É que Platão criou imaginariamente um Estado ideal, a República, quer dizer, a coisa pública, do povo. Para que o Estado funcionasse direito, era necessário que nele tudo se orientasse pela verdade. Então qualquer coisa que escapasse a esse interesse devia ser banida da República sob pena de este Estado desmoronar política, administrativa e socialmente. Ele mesmo considerava esse Estado tão perfeito quanto possível. E, para resguardar essa perfeição, determinou que não se admitisse nele a poesia puramente imitativa, sentenciando que "nunca se deve dar acolhida a essa espécie de poesia" (PLATÃO, p. 270). A parte puramente imitativa da poesia era aquela que só se voltava para a imaginação enquanto tal. Não se interessava pelo Estado, descuidando-se do louvor aos deuses, da honraria aos heróis ou da homenagem aos generais, aos homens valentes que defendiam o Estado. A poesia imitativa era, assim, aquela que se ocupava da criação, do trabalho de linguagem como uma forma de contar histórias, de recuperar as lendas, de atualizar os mitos imaginários com o fim apenas de deleitar o leitor ou o ouvinte. A esse tipo de poesia Platão se dirigia com um sentimento de aversão. Dizia ele: "A mim me parece que esse gênero de poesia é veneno para os que o ouvem, se não estiverem munidos de seu antídoto, que consiste em dar o justo valor a tais coisas" (PLATÃO, p. 271). O "justo valor" era considerar essa poesia como bela, sim, mas sem perder de vista que era perigosa por não tratar de fatos reais, verdadeiros. Em Platão, o caráter imitativo da arte a coloca num lugar desfavorável, se comparada aos ideais do Estado:

> [...] toda a arte imitativa, por um lado está muito afastada da verdade em tudo que tem por seu objeto e por outro, a parte de nós mesmos com que ela se une em relação de amizade está muito distanciada da sabedoria e nada se propõe de verdadeiro e sólido. [...] A imitação é, portanto, má em si, une-se ao que há de mal em nós e só pode produzir maus efeitos (PLATÃO, p. 279-280).

Para Platão, a literatura está afastada da verdade em três níveis, e ele explica essa distância tomando o exemplo da cama. Vejamos como ele pensa esse caso. A verdade da cama está na ideia de cama. De posse dessa ideia, o carpinteiro toma a madeira e vai moldando suas formas de acordo com o pensamento que tem em mente. Não importa que seja redonda, quadrada ou retangular. Trata-se de uma cama, e de uma cama em segundo estágio, segundo nível, pois a cama propriamente dita, isto é, a cama em sua essência está na ideia, feita por Deus. O pintor que reproduz a cama imita camas feitas pelo carpinteiro e aí fica esclarecido o afastamento, em três níveis, da arte em relação à verdade. Fazendo um resumo, lemos: existe a ideia do leito, que é sua essência; portanto, primeiro nível. Existe o leito feito pelo carpinteiro, que é apenas um leito aparente, um leito de segundo grau, e existe o leito trabalhado pelo pintor, que é artista. Esse último leito já é uma imitação em terceiro grau. Com isso fica justificada platonicamente a tese do distanciamento em três níveis. O carpinteiro é um artífice que traz para o mundo aparente o que se encontra no mundo transcendente. O pintor ao reproduzir o feito do artífice, torna-se apenas um imitador em terceiro grau. Diz ele: "Quem compõe tragédias na sua qualidade de imitador, está três graus afastado do rei e da verdade" (PLATÃO, p. 274). Estar afastado do rei significa estar afastado do que é certo, perfeito; é estar afastado daquele que contempla a verdade em si mesma e a verdade na essência das coisas. No afã de demonstrar a veracidade de sua ideia, Platão pergunta se Homero, por acaso, já levou adiante uma guerra ou pelo menos já a orientou a partir de seus conselhos. E resumindo a natureza do trabalho do poeta afirma: "Todos os poetas [...] são imitadores de fantasmas e jamais chegam à realidade" (PLATÃO, p. 277). Esse comentário não é um desrespeito a Homero ou à poesia. Platão reconhecia o valor de ambos, embora não perde-se de vista o papel social da poesia. O problema se colocava quando não havia precaução contra os malefícios que ela podia trazer pela sedução, pelo fascínio que exercia sobre os leitores. A respeito dessa competência do poeta ele diz:

Assim o poeta, sem outro talento que o de imitar, mediante certa colocação de palavras e expressões figuradas, sabe tão bem dar a cada parte as cores que lhe pertencem que, ou fale do ofício de sapateiro ou trate de guerra e outros temas quaisquer, seu discurso ajudado pela medida, pelo número e pela harmonia persuade aos que o ouvem e só julgam pelos versos de que se acha perfeitamente instruído nas coisas tratadas. Tão grande e poderoso é, por natureza, o prestígio da poesia! Pois acho que sabes o que são os versos dos poetas quando se lhes tira o colorido que lhes empresta a música" (PLATÃO, p. 277).

No livro (ou diálogo) **Fedro**, Platão diz que o poeta em seu puro ato criador não deve ser submetido à censura. Mas esse juízo aparentemente favorável nada tem de defesa ou de valorização estética. Ele decorre do fato de Platão achar que o poeta se deixa levar pela emoção, pelo imaginativo. A censura deve ser evitada porque ele é alguém que se entrega aos impulsos íntimos, tornando-se um possesso no momento de proferir a palavra divina a palvra poética. No diálogo **Íon**, o poeta aparece como um **rapsodo** inspirado pelos deuses e falando ao povo. O próprio Íon, personagem central do

Ver glossário no final da Aula

Ver glossário no final da Aula

diálogo, é um **rapsodo** que recita versos de poetas reconhecidos, fazendo alguns acréscimos e modificações por conta própria. Essa inspiração na verdade é vista como o estado de possessão em que o rapsodo é colocado, portanto, ele não é alguém que esteja no uso da razão. Nem por isso deixa de influenciar seus ouvintes com suas construções imaginativas, daí a sua desonestidade. Para que a poesia pudesse ser admitida na República era necessário que o artista tivesse consciência do que estava imitando e demonstrasse interesse nas coisas da realidade objetiva, mas a beleza que exibe em sua obra está calcada numa fantasia, por isso nada tem de real. Como na República tudo deve estar organizado a partir da verdade, a poesia deve se voltar para os hinos aos deuses, e para a homenagem aos homens de destaque porque assim ela estará prestando um serviço útil e contribuindo para a formação do caráter do cidadão.

Nesse modo de ver as coisas, caso se admita a entrada do espírito **lânguido** e emotivo da poesia lírica ou mesmo o espírito simplesmente imitativo da épica se estará abrindo mão da razão e da ordem que são os melhores conselheiros para o bem comum, e o resultado desta concessão será a presença do prazer mas também da dor e do desregramento no Estado. Tal prioridade dos interesses do Estado em detrimento da descarga emocional das pessoas visava também à preservação do indivíduo, embora este fosse considerado menor que o Estado. No Livro II, Platão já havia afirmado que "o Estado é maior que o homem", pois a causa da existência do Estado é "a impossibilidade de cada indivíduo bastar-se a si mesmo" (PLATÃO, p. 47), por isso, o Estado são "muitos homens com o propósito

de se servirem uns dos outros" (PLATÃO, p. 47). E nessa tarefa de serviço mútuo estão suas ações que precisam ganhar sentido na lógica de funcionamento da sociedade e, como a sociedade não é algo abstrato, mas engajada nos vários setores que a compõem – como a política, a administração, a religião, os costumes – tudo o que aparece nela deve prever e preservar a boa ordem de sua continuidade. A poesia, isto é, a literatura, como um fenômeno social, não fica excluída dessa exigência. E se é feita a partir do meramente imitativo sem outra finalidade que o gozo de sua fruição, ela não pode ser admitida como algo bom na República pelo perigo que representa à manutenção da ordem e dos ideais do Estado.

Platão passou pela experiência do fracasso político de sua cidade. Quando, ainda moço, viu a derrota de Atenas diante de Esporta, nos primeiros anos do século V a.C. Achou, como muitos oligacas de seu tempo que essa derrota se deveu à democracia instalada pela leis democráticas de Péricles. E, assim, defendeu a ideia de que a cidade devia ser governada por uma aristocracia intelectual. Daí ter afirmado que "Os sábios deverão dirigir e governar, e os ignorantes deverão segui-los".

CONCLUSÃO

Como vimos, o principal lugar em que Platão trata da literatura é o Livro X d'A República. Livro esse em que ele vai traçar também as normas que devem reger a sociedade. Vimos também que Platão não chega a ser propriamente um teórico da literatura, já que as referências que ele lhe faz são todas voltadas para o melhor funcionamento da sociedade. A literatura não é vista por ela mesma, mas apenas como um artefato social que pode ter ou não serventia política na ordem do Estado, a depender de suas condições. A valorização que ela poderia receber na República vem de critérios extraliterários, critérios que nada têm a ver com a linguagem ou a arte.

Mas não é só dessa vertente que vêm as restrições à poesia, é também de um posicionamento epistemológico pelo qual a verdadeira realidade está na ideia do objeto e nunca no próprio objeto enquanto manifestação de um fenômeno na realidade empírica. Daí a poesia ter sido relegada à condição de falsidade. Em síntese, podemos dizer que em Platão, a literatura enquanto tal não foi o alvo de suas considerações. Ela aí aparece apenas como um dado da realidade o qual, sob certas condições, pode obter um valor social, mas todas as condições levadas em conta são extraliterárias.

RESUMO

• Platão foi o primeiro pensador de que se tem notícia a tratar da literatura, mas o seu interesse é a política, que mantém a ordem na organização do Estado.
• A República é o Estado, e o pensamento de Platão nessa obra é uma apreciação ética e políticos quer dizer, voltada para os costumes, os valores e a administração da sociedade organizada.
• O Estado é um modo de funcionamento da sociedade. O Estado, diz ele, são "muitos homens com o propósito de se servirem uns dos outros."
• A poesia apenas voltada para si mesma é prejudicial, pois além de não contribuir para a ordem do Estado, favorece a corrupção dos costumes.
• No *Íon*, Platão diz que o rapsodo não deve ser levado a sério nem também ser censurado, pois nesse momento ele está possuído por um espírito.
• A verdade está no campo das ideias. Só essa verdade é perfeita, pois é criação divina. Tudo o mais é imitação e, portanto, está distanciado dela, não pertence à sua essência.
• Na *República*, a poesia – como uma simples imitação – aparece como um feito humano afastado da verdade em três graus ou níveis.
• Para Platão, todos os poetas são imitadores de fantasmas e jamais chegam à realidade.
• A literatura em Platão é tomada apenas do ponto de vista ético e político-filosófico. O seu valor consiste não em ter uma razão própria de ser, mas em poder servir à sociedade. Assim, todo o valor da literatura vem de elementos externos a ela e não dos seus próprios constituintes.

ATIVIDADES

Retome o desenvolvimento desta aula e destaque dele 10 ideias que você considera importantes para o aprendizado do seu conteúdo. Faça em forma de tópicos como você vê no "Resumo", mas não utilize esse resumo. Veja que ele já foi tirado do desenvolvimento. Ao elaborar cada tópico procure usar suas palavras.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Como essa atividade é clara por si mesma, dispensa maiores explicações.

REFERÊNCIAS

GARCIA-ROZA, Luís Alfredo. **Palavra e verdade**: na filosofia antiga e na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
GONÇALVES, Magaly Trindade, BELLODI, Zina C. **Teoria da literatura "revisitada"**. 2. Ed, Petrópolis: Vozes, 2005.
PLATÃO. **A República**. São Paulo: Hemus, s.d.
WILLIAM JR., K. Wimsatt; BROOKS, Cleanth. **Crítica literária**: breve história. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1971.

GLÓSSARIO

Rapsodo: Era o poeta ou decla-mador que saía de cidade em cidade recitando partes de poemas épicos de outros poetas reconhecidos e famosos, mas principalmente dos poemas de Homero.

Íon: "Diálogo" de Platão que trata da conversa entre Sócrates e Íon sobre a poesia (ou rapsódia).

Lânguido: Fraco, debilitado.

Fedro: É um dos diálogos de Platão onde Sócrates e Fedro discutem questões relativas ao amor e à beleza.